

## RESIDÊNCIA ARTÍSTICA NO ESPACIO DE ARTE CONTEMPORANEO: PERCURSOS INVENTARIADOS, FRAGMENTOS DO ESPAÇO VIVIDO

ARTISTIC RESIDENCE IN ESPACIO DE ARTE CONTEMPORANEO:  
INVENTORY ROUTES, FRAGMENTS OF LIVING SPACE

Kelly Wendt/UFPeI

---

**RESUMO:** O presente artigo traz uma reflexão acerca da residência artística desenvolvida no Espacio de Arte Contemporaneo, em Montevideo, no Uruguai. Durante esse processo de investigação poética, foi possível a realização de trabalhos refletindo a contemporaneidade por meio de inventários que mapearam espaços de vivência.

**PALAVRAS CHAVES:** inventário, residência artística, processo poético, mapeamento, arte contemporânea

**ABSTRAT:** *This article presents a reflection of the artistic residence developed at the Espacio de Arte Contemporaneo, in Montevideo, Uruguai. During this poetic investigation, it was possible to perform works reflecting contemporary times through inventories that mapped living spaces.*

**KEYWORDS:** *inventory, artistic residence, poetic process, mapping, contemporary art*

### Um inventário como processo

Caminhar por Montevideo era a proposta da residência artística que submeti ao Espacio de Arte Contemporanea, espaço cultural da capital, em uma antiga prisão do Uruguai. A imersão de 30 dias, alojada nesse espaço no inverno de 2018 (20 de julho a 20 de agosto), fez com que eu percorresse nove bairros e que registrasse, fotografia por fotografia, o que me afetava em cada lugar, coletando objetos, colecionando mapas e inventariando o espaço. Bairros de Cordon, Ciudad Vieja, Aguada, Centro,

Barrio Sur, Tres Cruces, Palermo, Bella Vista, Reducto foram percorridos. Fui compondo no ateliê uma cela da antiga prisão, dispondo na parede as visões de meus percursos, com a forma do mapa da cidade de Montevideo, produzindo um mapeamento da minha vivência num espaço urbano distinto do que é o meu. A apreensão desse espaço se apresenta como um recorte que permite destacar as memórias e abrange também a compreensão das formas e dos afetos.

Assim, organizei nesse ateliê (Figura 1) um inventário de fotografias e recortes de mapas com minha localização por meio de aplicativos impressos, uma pequena coleção de mapas e fragmentos do cotidiano - impressões do lugar. Os registros desses percursos, realizados na cidade, reúnem-se nesse inventário, imagens criadas e coletadas também passam a integrar essa coleção que dará origem aos trabalhos. A fotografia, aqui, neste contexto, permite trazer um recorte visual que abrange também a compreensão das formas representativas desse lugar, com ela materializo a impressão retida no instante do encontro que, posteriormente, é reproduzida em papéis que recriam o espaço da experiência. Neste inventário, impressões de objetos e papéis são testemunhas desse encontro, ou melhor, registram a existência da experiência vivida pelo corpo, naquele instante, naquele momento.

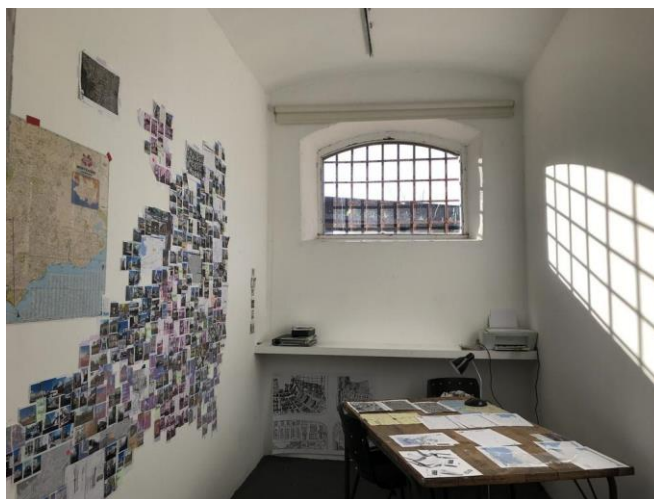


Figura 1. Ateliê da Residência Artística no Espaço de Arte Contemporaneo, 2018 (registro)  
Foto: Kelly Wendt

Penso, desta forma, um inventário como um meio de organização do colecionador que, no contexto artístico, pode apresentar-se de diversas maneiras. Em meu trabalho poético, reúno inventários de percursos pela cidade, de encontros com espaços que permitem voltar-me ao ato de colecionar, como os praticados nessa investigação. Neles é evidenciando a experiência do encontro, coleções de impressões, objetos, desenhos, cadernos de viagens e imagens que materializam

minha memória. Coletar é promover lembranças e afetos, para além de papéis e objetos, é reunir compulsivamente apreços, um ato pessoal e imagético associado às experiências vividas. Ao conhecer e reconhecer lugares é perceptível: mesmo quando não estou mais neles, os espaços estão em mim.

Recorro a Walter Benjamin, que com a ambiguidade de seu pensamento, traduzia em seus escritos a sua forma de trabalho, coletava e redigia pequenos textos, fragmentos que descreviam suas percepções e que iriam compor um pensamento mais complexo no futuro. Para escrever seu último texto *Passagens Parisienses*, inspirado nas passagens de Paris (novas galerias parisienses), o autor reúne documentos, fotos e gravuras como fonte primária e constrói uma argumentação diante das percepções do olhar e do seu corpo, ante o novo ambiente moderno - novos materiais, nova luz e novo cotidiano.

Destaco que os trabalhos produzidos na residência, os quais discutirei aqui neste artigo, carregam o uso da fotografia como um artifício poderoso de recorte temporal-espacial, que associa a ideia de encontro e a necessidade do registro à origem dos trabalhos. Pensando a imagem dialética de Benjamin, que pode ser vista como um adensamento do tempo, porque há uma reunião de impressões revisitadas no agora da fotografia. Inventariar o cotidiano do espaço urbano é operar por montagem de fragmentos e citações desse contexto, trazendo o envolvimento do instante presente e o reconhecimento do tempo histórico em que se vive, ou seja, o ponto anacrônico da imagem indicando para a história do lugar. Uma espécie de olhar retrospectivo, em que as imagens se tornam explícitas pelas ambiguidades do encontro do agora com o vivido, e têm seu ponto de fuga no presente da fotografia. O instante fotografado contém a sincronidade de imagens do tempo vivido e se manifesta a partir das relações que surgem da consonância com uma época, é fruto do que é visto e imaginado, encontramos nela o princípio de comunicação humana, o mesmo que fundamenta a poesia, nomeando o que não tem nome, como na criação da linguagem (BENJAMIN, 2011).

Por consequência desse processo a fotografia, mapas impressos e objetos coletados como elementos importantes na construção de minhas ideias, não necessariamente como produto final na sua apresentação, mas como um meio de conhecer e apreender lugares, coletando, organizando, imprimindo as experiências do instante encontro reunidos em inventário. São formas de materializar o espaço percorrido, funcionando como uma imagem dialética, uma imagem ambígua, que acessa o passado e o presente, o real e o imaginário. Característica esta que também serve para pensar os desenhos que acompanham os trabalhos da residência, que por meio de formas descrevem o espaço escolhido construindo outra imagem. A paisagem, por sua vez, ecoa em formas do meu imaginário, antes de querer aproximar

uma descrição objetiva da natureza, ela está mais próxima à subjetividade “tendo a impressão de que a paisagem preexiste à nossa consciência”. (CAUQUELIN, 2007, p.29). As imagens ativam os sentidos e a memória e chamam atenção para o tempo do espaço (Figura 2).

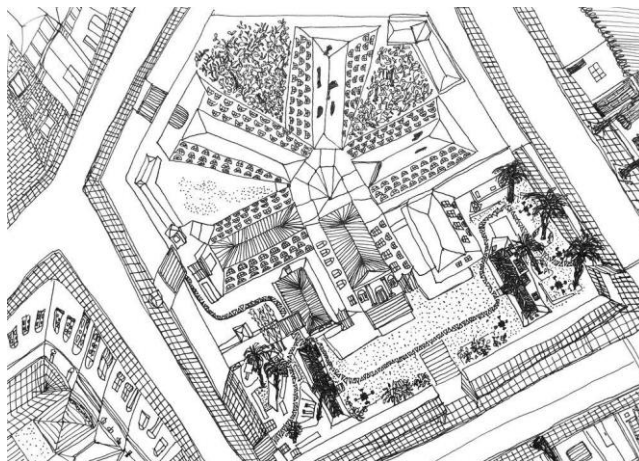


Figura 2. Kelly Wendt, Mapaginário La Carcel, desenho, 20x30cm, 2018, Foto: Kelly Wendt

A experiência dessa prática de inventariar imagens são processos poéticos adotados durante a residência, gerando três trabalhos independentes, mas que funcionam juntos também. Os trabalhos representam um mapeamento de espaços da capital, resgatam uma paisagem por meio da memória e da imaginação, através das experiências e das sensações que o espaço pode proporcionar. Um dos trabalhos é um acrílico gravado a paisagem da vista de Montevideo, denominado *MonteVideo* (Figura 3); outro é a união de nove fragmentos de ladrilhos de calçada, um de cada bairro, gerando um ladrilho de nove bairros denominado *Ladririos*; e por fim um serie de nove desenhos de espaços da cidade, os *Mapaginaris del Montevideo* .

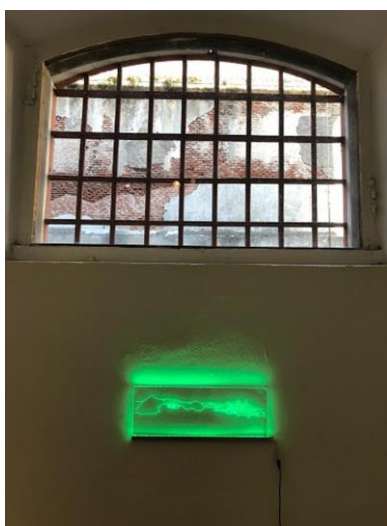


Figura 3. Kelly Wendt, MonteVideo, Acrílico gravado iluminado com leds, 32x12cm, 2018,  
Foto: Kelly Wendt

## MonteVideo

Ao visitar uma exposição com mapas de distintas épocas, desde o período Hispano da colonização espanhola, me deparei com alguns mapas. Dentre eles, fotografei um de 1764, intitulado Plan de la Ville de Montevideo (Figura 4), que continha quatro figuras na imagem: a representação de três vistas de Montevideo e uma imagem dos moradores dessa cercanias. As cartas geográficas do museu me trouxeram várias leituras do mesmo lugar, devido aos diferentes interpretes, em períodos temporais distintos, representados por estrangeiros e posteriormente por nativos.

O mapa integra uma publicação “Journal historique d'un voyage fait aux iles Malouines en 1763 & 1764 : pour les reconnoitre, & y former un etablissement ; et de deux voyages au Detroit de Magellan, avec une relation sur les Patagons” e, ao que consta, produzido por Antoine Joseph Pernety, escritor francês que participou da expedição a América do Sul, mais precisamente as Ilhas Malvinas. O mapa me chamou a atenção por apresentar diversos elementos que tentam traduzir, de forma precisa, o plano, a topografia e a vista de quem observa Montevideo do mar e a figura de um nativo, enfim códigos organizados numa imagem detalhada e cheia de particularidades.



Figura 4: Antonine Jeseph Pernety, Plan de la Ville de Montevideo,1764, in Journal historique d'un voyage fait aux iles Malouines en 1763 & 1764 : pour les reconnoitre, & y former un etablissement ; et de deux voyages au Detroit de Magellan, avec une relation sur les Patagons

Alguns dias depois, em minhas caminhadas cotidianas pela cidade, fui ao encontro de uma loja de comunicação visual, com leds, bem central. Naquele instante,

o que mais me chamou a atenção era a estética da loja, com muitas luzes, algumas que piscavam, outras que brilhavam, em pontos e em linhas orgânicas, e ela se tornou uma imensa descoberta. Aquela imagem me seduziu, aquele material passou a ser importante para a investigação, já que os processos de reprodução da imagem me interessam para pensar a gravura contemporaneidade. Pensando que as artes gráficas sempre atenderam a proliferação de ideias e as ferramentas da comunicação visual fizeram essa possibilidade ser muito atraente.

Com as fotografias impressas do mapa exposto no museu, produzi carimbos dessas imagens durante dias e, por fim, vetorizei uma das imagens, digitalizei suas linhas e condicionei a imagem a um *software*, transformando ela numa matriz digital. A produção dessa matriz numérica me levou novamente a loja de leds e consegui encontrar meios de reproduzir a imagem em um acrílico. O acrílico gravado pelo laser traz uma sutileza na linha, a imagem do horizonte, a vista do porto de Montevideo, do mapa de 1764.

A cidade de Montevideo carrega esse nome porque está num território onde o monte se avista ao longe, o cerro que marca a entrada de acesso a Mar del Plata, característica da vista de quem se aproxima da capital pelo oceano. A sinalização de led traria o horizonte, a paisagem refletida para ser vista de distantes lugares (Figura 5).

A gravação no acrílico, desta forma, foi realizada por meio da tecnologia numérica, produzido por meio de uma matriz digital. Conforme afirma Couchot (COUCHOT, 2003), a imagem é traduzida para valores numéricos e corresponde à memória da imagem. Para reproduzir a imagem, cria-se uma matriz numérica capaz de simular seu conteúdo, manipulada pela câmera ou digitalizada no computador, torna-se uma imagem-matriz, que permite a multiplicação. Neste caso, uma gravação precisa num acrílico cristal. A imagem dá vasão ao ser iluminada, neste caso, a imagem-matriz não recebe a tinta no suporte/superfície, ela é matriz-impressão com a luz. Esse processo me permite refletir sobre o desenvolvimento nos meios de reprodução. A digitalização e a pulverização das imagens não fizeram elas perderem sua natureza analógica, ao contrário, "A impressão da imagem passa sempre por tramas tão finas que não a vemos" (MELOT, 2010, p.94).

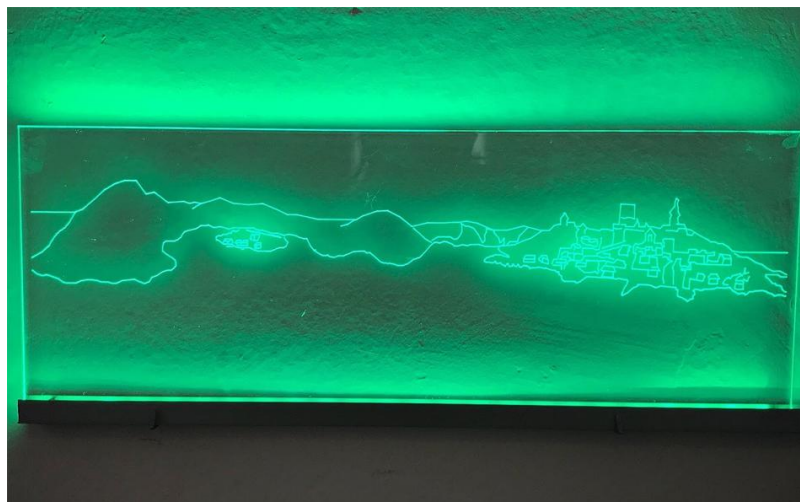


Figura 5: Kelly Wendt, MonteVideo, Acrílico gravado iluminado com leds, 32x12 cm, 2018, Foto: Kelly Wendt

A imagem do horizonte, o mapa, avistado de Montevideo, ajudam a reproduzir uma realidade e são símbolos, pois um mapa faz sentido se ligado a um lugar, a certeza da sua existência. A representação da paisagem é a matriz de um território repleto de metáforas que estimulam a imaginação. A imaginação também compõe a paisagem.

### **Mapaginários del Montevideo**

Durante a residência desenhei nove *Mapaginários*; *25 de mayo/ Ciudad Vieja* (Figura 6), *Ejido, Plaza Zabala* (Figura 7), *Plaza España, Barrio Cordon, La Carcel, Estrella del Norte, Bartolome Mitre/ Ciudad Vieja* (Figura 8) e *Tristan Navaja*. Esses desenhos dos lugares têm uma vista aérea próxima, como se estivesse sobrevoado e pudesse ver o que há no interior das quadras, como o pátio das casas e os detalhes dos telhados e terraços. Com uma estética de mapas, expressam um ponto de vista não observado do lugar, o que faz dele um registro de quem desbrava o espaço apropriando-se do lugar de afeto e da imaginação sobre Montevideo.

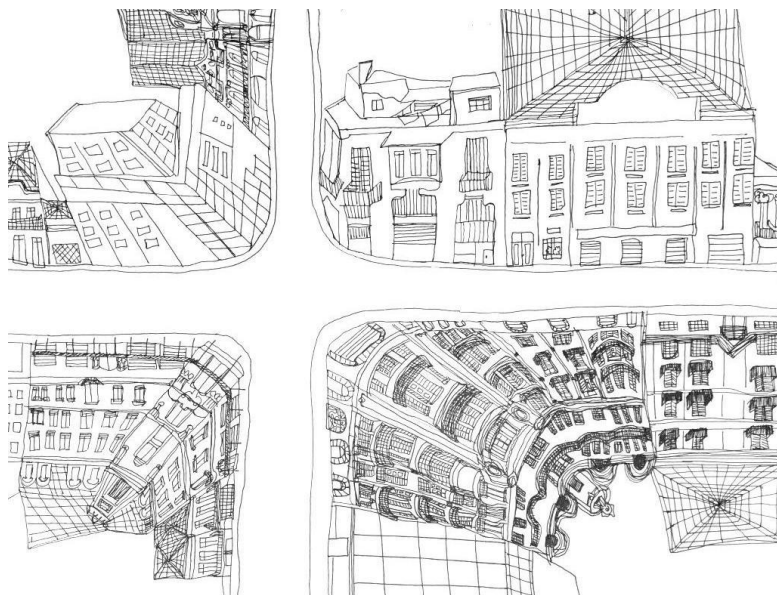


Figura 6: Kelly Wendt, Mapaginário 25 de mayo/ Cidade Vieja, desenho 20x30cm, 2018, Foto: Kelly Wendt

A informação de um mapa, criado por premissas cartográficas é composta, em contradição, quando criamos mapas com a subjetividade espacial da imaginação. Esse antagonismo valoriza as escolhas de um determinado modo de olhar, destacando os afetos de quem o compõe o mapa. Para compreensão do que me refiro, lembro a defesa de Cauquelin ao discursar sobre a mistura de elementos que compõem a paisagem, como uma equação matemática entre diferentes formas físicas e simbólicas. A autora afirma que a paisagem é uma invenção cultural, justamente porque reúne memórias distintas, tanto de experiências vividas, quanto de experiências não vividas. Ou seja, carregamos a memória por meio da oralidade (memória coletiva), criando uma imagem sobre o que é ouvido, que está ligada às emoções de quem descreve e de quem ouve. A paisagem, neste contexto, para ela, tem uma relação com o ordinário composto de diferentes memórias, justapondo e sobrepondo umas às outras, variando suas formas e produzindo uma série de imagens de um mesmo espaço. A imagem é composta por "(...) formas simbólicas estabelecidas muito antigamente, as quais, dobradas no interior da imagem proposta, traduzem na sua estrutura." (CAUQUELIN, 2008, p.25), o que nos diz que a paisagem preexiste na consciência.

Da mesma forma que a paisagem é inventada por desdobramentos da cultura, carregada de fatores simbólicos, pode-se afirmar que a paisagem também faz parte de uma memória coletiva, memória que tem relação intensa com o espaço, pois é construída de imagens espaciais imóveis no tempo. Esta ideia é desenvolvida por Halbwachs, citada por Marot, o qual relata que uma cidade é fundada por uma memória coletiva, sua história é tecida por discursos coletivos, compondo a memória



do lugar, pois a memória coletiva se dedica às relações da memória com o espaço por meio da oralidade. A memória coletiva está carregada de distintos valores simbólicos que não operam muitas vezes com a realidade, por isso a importância do relato para obtenção de uma memória do espaço. A credibilidade está no que se acredita enquanto valor, pois a oralidade está próxima da narração e não da descrição. Assim, afirma Certeau: “No relato não se trata mais de ajustar-se o mais possível da realidade (uma operação técnica, etc.) e dar credibilidade ao texto pelo ‘real’ que ele exhibe. Ao contrário, a história narrada cria um espaço de ficção.” (CERTEAU, 1996, p.153)

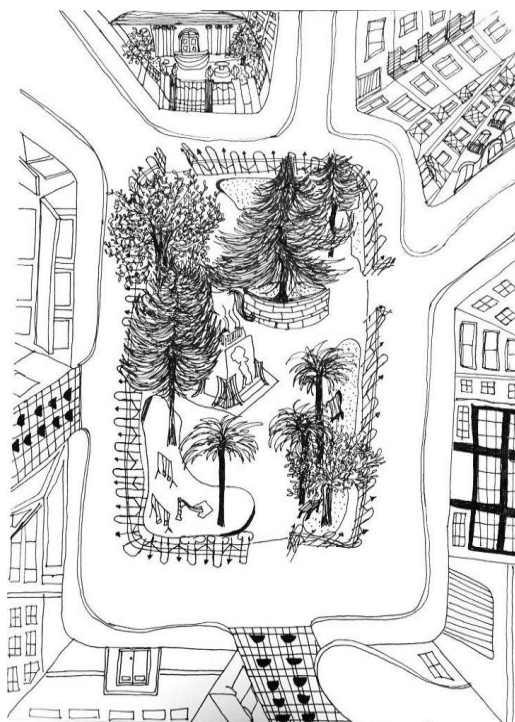


Figura 7. Kelly Wendt, Mapaginário Plaza Zabala, desenho, 20x30cm, 2018, Foto: Kelly Wendt

A arte partilha deste pressuposto, a veracidade dos fatos está na memória de quem manteve a experiência. Com os *Mapaginários*, trago a ideia de narração e ficção, imaginação e invenção, pois os espaços reproduzidos pelo conjunto de trabalhos tratam de mapas, espaços recriados a partir de uma vivência. O espaço narrado tem também como característica a experiência do corpo, a permanência deste nos lugares sugere a união do espaço e do tempo. A experiência do espaço por meio de imagens, relatos e representações nascem dessas ações. Não tem caráter representativo do lugar e sim da experiência espaço-tempo.

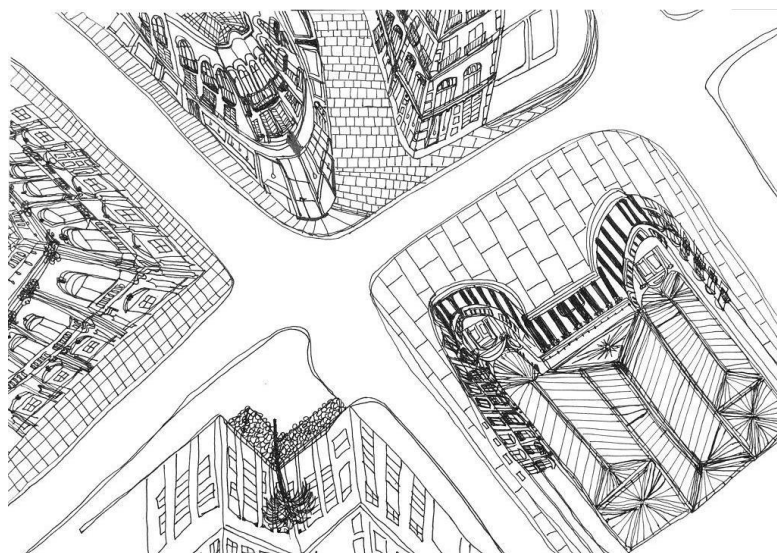


Figura 8. Kelly Wendt, Mapaginário Bartolomé Mitre/ Cidade Vieja, desenho 20x30 cm, 2018, Foto: Kelly Wendt

## Ladririos

Por fim, no trabalho *Ladririos*, um objeto que reúne fragmentos de ladrilhos da calçada coletados, propondo materializar meus percursos realizados na cidade. Como a residência foi feita no inverno, percorrer as ruas de Montevideo não era uma tarefa fácil. Havia um vento gélido que causava dores de cabeça e congelavam as maçãs do rosto, tanto que desta forma, ao caminhar, olhava constantemente para baixo e percebia o quanto as raízes dos grandes plátanos que existem na cidade permitem o descolamento de muitos desses ladrilhos da calçada. A grande maioria se quebra na parte rebaixada da superfície, fazendo com que esses fragmentos sejam muito semelhantes, permitindo uma união entre eles.

Ao percorrer as ruas de Montevideo e perceber este contexto, coletei um fragmento de cada bairro, na tentativa de compor um ladrilho que representasse todos os bairros percorridos. A união de nove fragmentos de ladrilhos da calçada de Montevideo, traz para o objeto o significado de um mapa, a materialização da memória dessa experiência. (Figura 9)



Figura 9. Registro dos fragmentos de ladrilhos da calçada coletados em Montevideo, 2018, Foto: Kelly Wendt

O artista Francis Alÿs tem como resultado uma coleção de resíduos metálicos esquecidos pela cidade, ação poética que sempre tive como referência para pensar meus trabalhos. Um cachorro de lata imantado percorre as ruas da cidade mexicana puxado por um fio, reunindo fragmentos do espaço urbano numa construção do espaço-tempo. A performance intitulada *The Collector (1990)* propunha essa coleta através do deslocamento pela cidade. O cachorro com rodas deflagra o lado lúdico e o descomprometimento estético com o objeto. Sem registros, a experiência do percurso está nos fragmentos do espaço carregados no trajeto. Os resíduos coletados são transformados em documentos e coleções. Esses fragmentos podem simbolizar a memória do percurso, como as camadas de tempos distintos que passam a constituir e narrar a cidade, ou também, a ação do presente reunida em fragmentos de distintos tempos passados. A ação carrega consigo o valor da banalidade do cotidiano e as frustrações da vida real, já que o cachorro é um animal que faz uso das ruas da cidade juntamente com seus moradores.

Assim, me interessa pensar a coleta de um percurso e o que teria mais importância para o registro dessa experiência. A ação de carregar ladrilhos traz à tona o peso de nossas memórias, ao mesmo tempo, a memória que cada ladrilho carrega.



Figura 10. Kelly Wendt, Ladrirrios, objeto produzido de fragmentos de ladrilhos e cimento, 20x20cm, 2018, Foto: Kelly Wendt

A sucessão de instantes, fragmentos coletados, consolidam o espaço e a memória que temos do espaço. Os ladrilhos são as memórias que carregam de cada lugar. De acordo com Benjamin (BENJAMIN, 2011, p. 227), a memória também é o meio de onde se vivencia, assim como um arqueólogo que vasculha objetos soterrados de cidades esquecidas, é na memória que obtemos o espaço, são nas lembranças, nos apegos, que me permitem vislumbrar o espaço vivenciado. (Figura 10)

Enfim, a vivência no espaço, durante a residência artística, fez pensar sobre o livro *Espécies de Espaços* (2011) do escritor francês George Perec, que expõe de forma poética a experiência com diversos espaços. Nesta obra, o autor reflete sobre o espaço no seu contexto mais amplo, trazendo apontamentos importantes que o definem, como em meus inventários, um lugar de ações capaz de produzir e materializar lembranças: porque inventamos o espaço ao descrevê-lo ou mapeá-lo. Nesse sentido, o espaço surge da experiência, assim como os trabalhos recolhidos e construídos da experiência diária. Os espaços tecidos do cotidiano, em lembranças descritas, o entorno do fazer do corpo: o lugar que habitamos, o espaço em que vivemos, seja qual for, nele estará contido nossa experiência, por isso ele é múltiplo, fragmentado e diversificado. Inventariar é praticar a memória, nem que para isso seja necessário carregar pequenos restos de cimento ou simplesmente fechar os olhos e permitir-se mapear seu afeto através dos lugares que passou.

## Referências

- ALÿS, Francis. **A Story of Deception**. Nova York: The Museum of Modern Art, 2010.
- BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão Única. Obras Escolhidas II**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987/2011.
- \_\_\_\_\_. **Passagens**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 2009.
- CAUQUELIN, Anne. **Paisagens Inventadas**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- COUCHOT, Edmond. **A tecnologia na Arte: da fotografia à realidade virtual**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003
- MAROT, Sebastien. **Suburbanismo y el arte de la memória**. Barcelona: Editora Gustavo Gilli, 2006.
- MELLOT, Michel. **Breve historia de la imagem**. Espanha: Siruela, 2010
- PERNETY, Antoine-Joseph. **Journal historique d'un voyage fait aux iles Malouines en 1763 & 1764 : pour les reconnoitre, & y former un etablissement ; et de deux voyages au Detroit de Magellan, avec une relation sur les Patagons** in <https://viriniatech.worldcat.org/title/journal-historique-dun-voyage-fait-aux-iles-malouines-en-1763-1764-pour-les-reconnoitre-y-former-un-etablissement-et-de-deux-voyages-au-detroit-de-magellan-avec-une-relation-sur-les-patagons/oclc/911884995?referer=di&ht=edition> acesso 8 de junho de 2020
- PEREC, George. **Espécies de Espaços**. Espanha: Montesinos, 2009.
- WENDT, Kelly. **Pequeno Mapeamento Geoperceptivo de Espaços Experimentados: Inventário de impressões e compartilhamentos**. Tese de Doutorado em Poéticas Visuais. Porto Alegre. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017 disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/169332#>

## Kelly Wendt

Artista visual, pesquisadora e professora adjunta do Bacharelado em Artes Visuais, Centro de Artes, UFPel. Doutora em Poéticas Visuais, UFRGS. Mestre em Artes Visuais, UFSM. Pesquisadora do grupo Percursos Poéticos: procedimentos e grafias na contemporaneidade, CA-UFPel-CNPq. Coordena a galeria de arte A Sala, Centro de Artes, UFPel. Coordenou o PIBID Artes Visuais UFPel-2018. Professora Conteudista Especialização em Artes (Capes/UAB/UFPel)